

CRÍTICA TEATRO | O PAI

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

A peça francesa, que estreou em 2012 em Paris, arrebatou prêmios em produções mundo afora, como Londres e Nova Iorque. O próprio autor aventurou-se como diretor no filme “Meu Pai”, que rendeu Oscars e Baftas de Melhor Ator para Anthony Hopkins e Melhor Roteiro Adaptado, além da indicação de Melhor Filme. E na trilha de sucesso, a montagem brasileira já agraciou Fulvio Stefanini como Melhor Ator nos Prêmios Shell e Bibi Ferreira, em São Paulo. O Alzheimer é um tema universal que emociona, sobretudo quando é abordado com sapiência, e a dramaturgia de Florian Zeller possui uma carpintaria excepcional.

A narrativa impõe-se pela perspectiva de André, um idoso aos 80 anos, divertido, a partir da desorientação pela perda de memória. Desde então, um mosaico de emoções evidencia confusões e embates familiares.

Com sabedoria, o diretor Léo Stefanini institui um jogo teatral afinado, com limpeza cênica, pausas dramáticas bem posicionadas, além de imputar ao espetáculo uma leveza, atenuando o conteúdo, numa dialética primorosa. O humor nasce da situação tragicômica do protagonista e em momento nenhum reduz a dramaticidade.

Fulvio Stefanini, com sua emissão vocal poderosa como de costume, saboreia cada palavra – mesmo quando joga o texto fora – ofere-



Com sua emissão vocal poderosa como de costume, Fulvio Stefanini saboreia cada palavra oferecendo uma verdade cênica irrepreensível na montagem brasileira de ‘O Pai’

A potência de um ator

cendo-nos uma verdade cênica irrepreensível, como se a personagem ganhasse vida e pertencesse ao nosso mundo familiar. É impressionante o desenho que o intérprete atribui ao papel quando está em casa e na sequência, ao ser colocado na clínica, onde sua máscara e humor modificam-se, com infinita tristeza.

Ao entrar em desespero: “Eu quero minha mãe”, o ator clarifica que as memórias recentes estão apagando, mas que o passado está ali, mais presente do que nunca, numa das

cenas mais tocantes. Há filigranas que só um ator desse quilate pode proporcionar. Carol Mariottini, Fulvio Stefanini Filho, Lara Córdula e Léo Stefanini compõem

um elenco coeso, com destaque para Déo Patricio, que trafega com elegância, além de conduzir talentosamente o bife, pelo qual relata enforçar o pai em pesadelo.

André Cortez ambienta um cenário instigante, com uma estante que desdobra-se na casa do protagonista e na clínica, com poucos elementos, o que conduz ao desaparecimento memorial da personagem central. Há um signo revelado por um pequeno relógio, haja vista uma indagação sobre as horas. Os figurinos de Lelê Barbieri são cotidianos. Diego Cortez ilumina com delicadeza, utilizando contras sombreando as passagens de cena, abusando dos blackouts, numa perfeita alusão à interrupção mental do carismático André. Um tic-tac do relógio remete o tempo que passou, angustiando a audiência propositadamente, na trilha adequada de Raul Teixeira e Renato Navarro.

“O Pai” está comemorando os 70 anos da atuação proeminente de um artista experiente. O espetáculo é valioso, mas o público deve comparecer, sobretudo, pela maestria de Fulvio Stefanini.

SERVIÇO O PAI

Teatro TotalEnergies - Sala Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória)
Até 22/3, às sextas e sábados (20h) e domingos (17h)
Ingressos: Plateia Central - R\$ 150 e R\$ 75 (meia) | plateia lateral - R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

NA RIBALTA POR AFFONSO NUNES

Levi Meireles/Divulgação



Lucidez e delírio

Com dramaturgia de Carolina Ferman e Natasha Corbelino, o espetáculo “Fera” segue em cartaz no Teatro Poeirinha, em Botafogo, até 22 de abril, com apresentações às terças e quartas, às 20h. Idealizado e protagonizado por Carolina Ferman, a produção narra o confronto de uma mulher com um crocodilo durante um passeio de canoa. A peça explora poeticamente o instante entre vida e morte, refletindo sobre a fragilidade humana e sua relação com a natureza através de uma fusão entre lucidez e delírio.

Emanuelle Rebelo/Divulgação



Uma vida reconstruída

O monólogo “Cadeira de Balanço”, de Dudu Gehlen e direção de Jefferson Santi, volta aos palcos cariocas em curta temporada no Teatro Cândido Mendes, em Ipanema até o dia 29. A peça apresenta um neto em velório que dialoga diretamente com o público, evocando memórias de Dona Caçula, artesã maranhense de Cantanhede. Com um único ator em cena, o espetáculo reconstrói a vida da avó e personagens que marcaram sua trajetória, explorando a relação entre gerações e o que permanece após a morte.

Divulgação



Noite de revelações

A comédia dramática “Vale Night”, de Renata Mizrahi, retorna ao Teatro Gláucio Gill até 30 de março. A peça acompanha três mães — Paula (Aline Carrocino), Virgínia (Vilma Melo) e Carla (Luana Martau) — que se conhecem pessoalmente pela primeira vez em um bar, após interagirem em um grupo de WhatsApp. O que seria apenas uma noite de descanso — a famosa “vale night”, expressão usada quando mães conseguem um raro tempo livre — se transforma em um encontro revelador. Durante a noite, segredos vêm à tona.